

A CRÍTICA DE MARX E ENGELS AO DOMÍNIO DAS IDÉIAS: A IDEOLOGIA

José Luiz Zanella'

Resumo

O artigo tem por finalidade apresentar uma interpretação sistematizada da obra *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels. Mostra que as idéias tem uma materialidade e são produzidas na práxis social. Recupera a crítica que Marx fez a metafísica para esclarecer a relação entre metafísica e ideologia. Em seguida, investiga de que forma as idéias se tornam ideológicas explicitando a função e o conceito da ideologia. Por fim, busca elencar elementos que possibilitem a crítica a ideologia. Conclui enfatizando a necessidade do aprofundamento teórico-metodológico a partir da filosofia marxista para o enfrentamento da ideologia na luta pela superação da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Ideologia, práxis social, materialismo histórico.

Introdução

Com o presente artigo buscamos empreender uma sistematização sobre nossa² leitura e interpretação da obra *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels. Estruturamos o texto no sentido de facilitar a interpretação e compreensão da referida obra. Nosso objetivo foi, num primeiro momento, mostrar a materialidade das idéias. Refletir sobre as idéias é refletir sobre o homem. E o homem, enquanto ser natural e histórico, é um ser de trabalho que necessita produzir sua existência. A produção da existência humana, no intercâmbio do homem com a natureza e com os outros homens, é a base material que origina as idéias. A consciência humana é um produto social e histórico.

Para mostrar a materialidade e a produção das idéias, enfatizamos a crítica que Marx (1985) fez à metafísica clássica e ao idealismo de Hegel. A recuperação dessa crítica possibilita compreender, não somente o que é a metafísica, mas de estabelecer uma relação entre metafísica e “universais abstratos” de que fala Marilena Chauí na obra *O que é Ideologia*(1994). Assim, compreende-se que os universais abstratos são conceitos metafísicos que possibilitam a realização da ideologia como idéias separadas da práxis social.

Num segundo momento, investigamos que a ideologia nasce a partir da divisão do trabalho manual e trabalho intelectual. Sem o conhecimento de que a sociedade é dividida em classes sociais, não é possível conhecer a ideologia. Com base em Chauí (1994), explicitamos o que é a ideologia e qual a sua função.

Para finalizar, elencamos elementos que possibilitem a crítica da

ideologia. Esclaremos que a ideologia não é um produto subjetivo da consciência da classe dominante. Ao contrário, a ideologia é um produto da práxis social em que os homens, na sua alienação, produzem. Para remover a ideologia faz-se necessário uma mudança da organização do trabalho na sociedade. A crítica teórica tem seu papel de desvendar o movimento contraditório da práxis social, mostrando as mediações que constituem a realidade. Assim, a teoria faz a crítica à ideologia.

Essa reflexão se justifica na medida em que, nos dias atuais, há uma tendência de negação da teoria clássica em detrimento a uma valorização da prática empírica, subjetiva, relativista e eclética. Em contrapartida, verificamos diariamente o fenômeno da mundialização do capital que, na sua totalidade, tem sua teoria e sua ideologia. Qual a relação entre teoria e ideologia? Quais idéias ou ideologias nos dominam? Qual é a nossa teoria? Como se defender do domínio das idéias?

A materialidade e a produção das idéias

Já no prefácio da obra *A ideologia alemã*, Marx e Engels, ressaltam as “representações falsas” que os homens fazem de si mesmos. Estas representações são as idéias, mais precisamente, o domínio que as idéias exercem sobre os homens. Daí afirmarem: “rebelemo-nos contra o domínio das idéias”. Que idéias são estas? De que forma dominam os homens? Qual a materialidade das idéias? Como são produzidas as idéias?

O mundo das idéias é amplo e complexo. Fazem parte deste mundo as idéias, por exemplo, da filosofia metafísica, como também as idéias do senso comum que, numa sociedade de classes, tornam-se idéias ideológicas. De modo que há uma relação entre idéias, teorias e ideologias.

Históricamente, as idéias foram sendo sistematizadas e resultaram em grandes sistemas filosóficos. As filosofias de Platão e Aristóteles são, por exemplo, filosofias metafísicas. Para as filosofias metafísicas – grega, medieval e moderna – as idéias são categorias autônomas, separadas da realidade e da prática social, que possuem a finalidade de explicar esta mesma realidade. As idéias enquanto conceitos são eternas, fixas e imutáveis. Marx, ao fazer a crítica à economia política e a Proudhon, mostra que:

Os economistas nos explicam como se produz nestas relações dadas, mas não nos explicam como se produzem estas relações, isto é, o movimento histórico que as engendra (...). A partir do momento em que não se persegue o movimento histórico das relações de produção, de que as categorias são apenas a expressão teórica, a partir do momento em que se quer ver nestas categorias somente idéias,

pensamentos espontâneos, independentes das relações reais, a partir de então se é forçado a considerar o movimento da razão pura como a origem desses pensamentos. (Marx, 1985, pp. 102 e 103)

O conceito metafísico é uma idéia formal, pura substância, que representa uma realidade; uma idéia obtida via processo de abstração e não de análise; uma idéia que abstrai toda a materialidade fenomênica do objeto para ficar com a essência entendida como o conceito fixo, eterno e imutável. Ocorre, então, uma separação radical entre a idéia (conceito) e o real, de tal modo que a idéia é superior e é ela que explica o real. É o que Marx (1985) critica em Proudhon quando este confunde abstração com análise.

Há razão para se espantar se, abandonando aos poucos tudo o que constitui a individualidade de uma casa, abstraindo os materiais de que ela se compõe e a forma que a distingue, chega-se a ter apenas um corpo; e se, abstraindo os limites deste corpo, obtém-se somente um espaço; e, se, enfim, abstraindo as dimensões deste espaço, acaba-se por ter apenas a pura quantidade, a categoria lógica? À força de abstrair assim de todo objeto os pretensos acidentes, animados ou inanimados, homens ou coisas, temos razão de dizer que, em último grau de abstração, chegamos às categorias lógicas como substância. Assim, os metafísicos que, *fazendo estas abstrações, acreditam fazer análise* e que, à medida que se afastam progressivamente dos objetos, imaginam aproximar-se deles para penetrá-los, estes metafísicos têm, por sua vez, razão de dizer que as coisas aqui na terra são bordados, cujo pano-de-fundo é constituído pelas categorias lógicas (...). Que tudo o que existe, tudo o que vive sobre a terra e sob a água, possa ser reduzido, à força de abstração, a uma categoria lógica; que, deste modo, todo o mundo real possa submergir no mundo das abstrações, no mundo das categorias lógicas – quem se espantará com isto? (Marx, 1985, pp. 103-104, grifos meus)

Esse processo que abstrai a materialidade do real em movimento e constrói o conceito enquanto categoria lógica - lógica formal – denomina-se metafísica. Aqui, as idéias – categorias lógicas – tornam-se independentes e superiores a práxis de tal modo que tornam-se verdades dogmáticas. Qualquer filosofia ou teoria que não historiciza suas categorias, torna-se, neste sentido, metafísica. Inclusive a filosofia marxista.

A filosofia idealista hegeliana revolucionou a metafísica na medida em que mostrou a dialética das idéias (subjetividade) com o mundo (objetividade). O mundo é a materialização da idéia Absoluta que se transforma

na história, toma consciência de si mesma e retorna ao Absoluto.

Marx e Engels convivendo no contexto histórico pós-hegeliano, buscam empreender a crítica à direita e principalmente à esquerda dos assim chamados jovens-hegelianos (D. Strauss, B. Bauer, L. Feuerbach e Max Stirner). Os jovens-hegelianos, ao romperem com a crítica da religião, não conseguem romper com o poder da consciência e, segundo eles, “tudo o que os homens fazem, os seus grilhões e barreiras, são produtos da sua consciência” (Marx e Engels, 1984, p. 13). Marx/Engels mostram que os jovens-hegelianos não conseguem romper com o sistema hegeliano e, sendo assim, não procuram explicitar “a conexão da filosofia alemã com a realidade alemã” (Idem, p. 14).

Marx e Engels radicalizam a crítica ao idealismo alemão formulando a concepção materialista da História. Afirmam: “em completa oposição à filosofia alemã, a qual desce do céu à terra, aqui, sobe-se da terra ao céu. Isto é, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e também não dos homens narrados, pensados e imaginados, representados, para daí se chegar aos homens em carne e osso” (Ibidem, p. 22). Mais adiante mostram que “não é consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (Ibidem, p. 23). Fica assim explicitada a concepção do materialismo histórico dialético, uma vez que a base material – a produção da vida – é determinante³, em última instância, da consciência. A consciência é uma construção social e histórica.

O ponto de partida ou pressuposto da concepção materialista da História são os indivíduos reais e suas condições materiais de vida que podem ser verificadas empiricamente. Trata-se de indivíduos ativos no sentido de que “as circunstâncias fazem os homens tanto como os homens fazem as circunstâncias” (Ibidem, p. 49). Homem aqui compreendido como ser natural social. Agindo sobre a natureza mediante o processo de trabalho, o homem também se modifica, se faz homem, se humaniza. “Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais” (Marx, 1983, p. 211). Marx entende o homem como um ser, ao mesmo tempo, natural e histórico. “O homem é imediatamente ser natural. Como ser natural, e como ser natural vivo, está, em parte, dotado de forças naturais, de forças vitais, é um ser natural ativo” (Marx, 1987a, p. 206). Mas “o homem, no entanto, não é apenas ser natural, mas ser natural humano, isto é, um ser que é para si próprio e, por isso, ser genérico, que enquanto tal deve atuar e confirmar-se tanto em seu ser como em seu saber” (Idem, p. 207). Portanto, o homem é sua própria natureza humanizada, cuja humanização se dá mediante o processo de trabalho: “A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história universal até nossos dias” (Ibidem, p. 178), afirma

Marx, e continua: “O olho fez-se um olho humano, assim como seu objeto se tornou um objeto social, humano, vindo do homem para o homem. Os sentidos fizeram-se assim imediatamente teóricos em sua prática” (Ibidem, p. 177). E conclui: “toda a assim chamada história universal nada mais é do que a produção do homem pelo trabalho humano” (Ibidem, p. 181).

Ou seja, trata-se de mostrar como os homens produzem os meios de vida e por extensão sua própria existência. “Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a produzir os seus meios de vida, passo este que é condicionado pela sua organização física. Ao produzirem seus meios de vida, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material” (Marx e Engels, 1984, p.15).

De forma que há um determinado *modo de vida*, um modo de produzir a vida, através da ação ativa dos homens frente às necessidades, que determina o ser homem. “Aquilo que eles são, coincide, portanto, com a sua produção, com o que produzem e também com o como produzem. Aquilo que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais da sua produção” (Idem, p. 15).

A análise dos autores tem como finalidade explicitar como é produzido o homem. Trata-se, portanto, de não afirmar quem é o homem para depois explicar a prática, mas, ao contrário, trata-se de investigar como o homem se produz historicamente. O ponto de partida da análise é a prática. “Toda a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que levam a teoria ao misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis” (Marx, tese 8 sobre Feurbach, 1984, p. 109).

Portanto, na base de toda a história humana, está o homem como síntese das relações sociais do passado e do presente.

O pensar, a consciência, ou noutras palavras, as idéias dos homens, são a expressão ativa de sua práxis produtiva e social. A investigação tem de mostrar empiricamente como se dá esta conexão entre a prática produtiva, social e simbólica.

A conexão da estrutura social e política com a produção. A estrutura social e o Estado decorrem constantemente do processo de vida de determinados indivíduos; mas destes indivíduos não como eles poderão parecer na sua própria representação ou na de outros, mas como eles são realmente, ou seja, como agem, como produzem materialmente, como trabalham, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem de sua vontade (Marx e Engels, 1984, p. 21).

Antes de analisarmos a natureza desta conexão entre estrutura social, Estado e consciência (idéias), retomamos a reflexão de Marx e Engels sobre as determinações das condições materiais da vida na produção da consciência. Se é a vida que determina a consciência, como ocorre esse processo no homem?

Os autores mostram quatro pontos básicos nas relações materiais da vida que determinam a produção da consciência.

O primeiro ponto é o da prioridade da vida material sobre a vida espiritual (consciência). Antes de fazer história, estudar, rezar... o homem tem de "viver".

A primeira premissa de toda existência humana (...) e de toda a história [é a de que] os homens tem de estar em condições de viver para poderem fazer história. Mas da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a História, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos (Idem, pp. 30 e 31).

O viver no sentido de manter-se como ser vivo, enquanto parte da natureza que necessita do alimento, da casa, do vestuário, da saúde... é o fato fundamental, a base terrena e materialista da História.

O segundo ponto é a satisfação das necessidades e das novas necessidades num processo contínuo. "A própria primeira necessidade satisfeita, a ação da satisfação e o instrumento já adquirido da satisfação, conduz a novas necessidades – e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico" (Ibidem, p. 32).

De forma que o homem se diferencia dos animais não somente por ser um ser de necessidades, mas por ser um ser que cria necessidades especificamente humanas.

Sem dúvida, os animais também produzem. Eles constroem ninhos e habitações, como no caso das abelhas, castores, formigas, etc. Porém, só produzem o estritamente indispensável a si mesmos ou aos filhotes. Só produzem em uma única direção, enquanto o homem produz universalmente. Só produzem sob a compulsão de necessidade física direta, ao passo que o homem produz quando livre de necessidade física e só produz, na verdade, quando livre dessa necessidade. Os animais só produzem a si mesmos, enquanto o homem

reproduz toda a natureza. Os frutos da produção animal pertencem diretamente a seus corpos físicos, ao passo que o homem é livre ante seu produto. Os animais só constroem de acordo com os padrões e necessidades da espécie a que pertencem, enquanto o homem sabe produzir de acordo com os padrões de todas as espécies e como aplicar o padrão adequado ao objeto. Assim, o homem constrói também em conformidade com as leis do belo. (Marx, 1983, p. 96)

A relação do homem com a necessidade não é somente imediata, mas mediata. A necessidade imediata é aquela ligada à produção e reprodução da vida biológica (caráter físico), enquanto que a necessidade mediata é aquela que superou a necessidade imediata para, num nível de liberdade, criar, produzir e satisfazer necessidades especificamente humanas. “Isso quer dizer que a necessidade propriamente humana tem que ser inventada ou criada. O homem, portanto, não é apenas um ser de necessidades, mas sim o ser que inventa ou cria suas próprias necessidades” (Vázquez, 1968, p. 142).

O terceiro ponto refere-se à produção e reprodução do próprio homem. “Os homens que, dia a dia, renovam a sua própria vida começam a fazer outros homens, a reproduzir-se – a relação entre homem e mulher, pais e filhos, a família” (Marx e Engels, 1984, p. 32).

O quarto ponto se refere às relações sociais no interior de um determinado modo de produção. Estas relações “têm de ser sempre estudadas e tratadas em conexão com a história da indústria e da troca” (Idem, p. 33). Significa que há uma conexão entre relações sociais e modo de produção sendo que este condiciona aquela.

Somente após discorrer sobre as quatro relações históricas, Marx e Engels começam a falar de consciência.

Só agora, depois de já termos considerado quatro momentos, quatro facetas das relações históricas primordiais, verificamos que o homem também tem consciência. Mas também que não de antemão, como consciência pura. O espírito tem consigo de antemão a maldição de estar preso à matéria, a qual nos surge aqui na forma de camadas de ar em movimento, de sons, numa palavra, da linguagem. A linguagem é tão velha como a consciência – a linguagem é a consciência real prática que existe também para outros homens e que, portanto, só assim existe também para mim, e a linguagem só nasce, como a consciência, da necessidade da carência física do intercâmbio com outros homens. Onde existe uma relação ela existe para mim, o animal com nada se relaciona, nem se quer se relaciona. Para o animal, a sua relação com os outros não existe como relação.

A consciência é, pois, logo desde o começo, um produto social, e continuará a sê-lo enquanto existem homens (Ibidem, pp. 33 e 34).

Concluimos que os autores demonstram, com os argumentos acima, as determinações naturais e sociais na consituição do ser humano. Sendo o homem um processo, um vir-a-ser, que se faz pela mediação do trabalho, nas relações com a natureza e com os outros homens, então, este mesmo processo ocorre com a consciência enquanto produção subjetiva dos homens. A consciência ou as idéias têm sua materialidade ou raízes na prática social dos homens. Portanto, as idéias não são autônomas e nem superiores à prática.

Se as idéias guardam um vínculo orgânico com a prática, como explicar ou entender que certas idéias sejam independentes da prática de tal modo que chegam a ser superiores à prática? Ou melhor, em que consiste este processo em que as idéias se apresentam de tal modo completas que parece expressarem com perfeição a realidade? Como se dá esta conexão entre a produção e as idéias? Quando é que as idéias ocupam o lugar da realidade para justificá-la e legitimá-la? Quem produz e como são produzidas as idéias?

Como é possível a ideologia?

As idéias, como tudo na vida, são produzidas na práxis social. Para o marxismo, a práxis social é a produção material da vida numa determinada sociedade. Trata-se, basicamente, da forma como os homens reais se organizam num modo de produção, o qual é constituído de forças produtivas e de relações de produção. As forças produtivas são compostas pelos meios de produção (instrumentos, terra, máquinas, etc.) e pelo trabalho. Sendo que somente o trabalho vivo é o criador de valor. De modo que as relações de produção são as relações de trabalho num determinado modo de produção. E, o modo de produção ou sociedade, é constituído de uma base material – infra-estrutura - que determina em última instância uma superestrutura (instituições, idéias, conhecimento, etc.). Nas palavras de Marx:

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica, e à qual correspondem formas sociais determinadas de

consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (Marx, 1987, pp. 29-30).

Sem o conhecimento das determinações da base real da sociedade, dificilmente se compreende às diferentes formas de manifestação da vida humana, principalmente das idéias e da ideologia. Portanto, o ponto fundamental é o conhecimento sobre às relações de trabalho na história da humanidade. Estas relações, segundo Marx e Engels, foram no início da humanidade, comunais que, com o aumento da população e da necessidade de produzir mais, engendraram a divisão do trabalho.

A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão do trabalho material e espiritual. A partir deste momento, a consciência pode realmente dar-se à fantasia de ser algo diferente da consciência da práxis existente, de representar alguma coisa sem representar nada de real – a partir deste momento, a consciência é capaz de emancipar o mundo e passar à formação da teoria pura, da teologia, da filosofia, da moral, etc. (Marx e Engels, 1984, p. 35).

Assim, a divisão do trabalho marca o início das diferentes formas de propriedade privada⁴ e, sobretudo, da ideologia⁵. A ideologia só é possível na medida que há divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Nasce agora a ideologia propriamente dita, isto é, o sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desinvulção através de suas idéias. Ou seja: as idéias aparecem como produzidas somente pelo pensamento, porque os seus pensadores estão distanciados da produção material. Assim, em lugar de aparecer que os pensadores estão distanciados do mundo material e por isso suas idéias revelam tal separação, o que aparece é que as idéias é que estão separadas do mundo e o explicam. As idéias não aparecem como produtos do pensamento de homens determinados – aqueles que estão fora da produção material direta – mas como entidades autônomas descobertas por tais homens (Chauí, 1994, pp. 65 e 66).

Desse modo as idéias são tomadas como anteriores, superiores e independentes da práxis. Ao representar de forma invertida o processo do real, o homem toma o mundo natural de forma divinizada e o mundo humano de forma natural. É a consciência alienada. Alienada porque inverte a relação entre o mundo real e as idéias, tomando o efeito pela causa e não se dando conta de que as contradições não estão entre as idéias e o real, mas no próprio mundo real.

Assim, por exemplo, faz parte da ideologia burguesa afirmar que a educação é um direito de todos os homens. Ora, na realidade sabemos que isto não ocorre. Nossa tendência, então, será a de dizer que há uma contradição entre a idéia de educação e a realidade. Na verdade, porém, essa contradição existe porque simplesmente exprime, sem saber, uma outra: a contradição entre os que produzem a riqueza material e cultural com seu trabalho e aqueles que usufruem dessas riquezas, excluindo delas os produtores. Porque estes se encontram excluídos do direito de usufruir dos bens que produzem, estão excluídos da educação, que é um desses bens. Em geral, o pedreiro que faz a escola, o marceneiro que faz as carteiras, mesas e lousas, são analfabetos e não têm condições de enviar seus filhos para a escola que foi por eles produzida. Essa é a contradição real, da qual a contradição entre a idéia do 'direito de todos à educação' e uma sociedade de maioria analfabeta é apenas o efeito ou a consequência (Chauí, 1994, pp. 66 e 67).

Essa contradição do mundo real é a divisão da sociedade em classes sociais⁶. Há, portanto, uma relação orgânica entre divisão do trabalho (manual x intelectual) e classe social. A divisão do trabalho deu origem à propriedade privada dos meios de produção estabelecendo-se, assim, uma relação de interesses antagônicos e conflitivos entre proprietários e não proprietários. Essa é a luta de classes. Institui-se historicamente uma classe dominante que, além da força material, utiliza-se, sobretudo, das idéias ou da ideologia para exercer com hegemonia a dominação. "As idéias da classe dominante são, em todas as épocas, as idéias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante" (Marx e Engels, 1984, p. 56).

O poder material da classe dominante faz com que suas idéias particulares sejam idéias universais, aceitas pela maioria dos membros da sociedade. Aqui entra a função da ideologia: esconder ou ocultar que a sociedade é dividida em classes sociais e, ao mesmo tempo, negar a luta de classes. A ideologia naturaliza a existência das classes sociais como algo

do destino ou da vontade da natureza ou de forças sobrenaturais. A forma da manifestação da ideologia nas idéias do senso comum é sutil.

A ideologia burguesa, através de seus intelectuais, irá produzir idéias que confirmem essa alienação, fazendo, por exemplo, com que os homens creiam que são desiguais por natureza e por talentos, ou que são desiguais por desejo próprio, isto é, os que honestamente trabalham enriquecem e os preguiçosos, empobrecem. Ou, então, faz com que creiam que são desiguais por natureza, mas que a vida social, permitindo a todos o direito de trabalhar, lhes dá iguais chances de melhorar – ocultando, assim, que os que trabalham não são senhores de seu trabalho e que, portanto, suas 'chances de melhorar' não dependem deles, mas de quem possui os meios e condições de trabalho. Ou, ainda, faz com que os homens creiam que são desiguais por natureza e pelas condições sociais, mas que são iguais perante a lei e perante ao Estado, escondendo que a lei foi feita pelos dominantes e que o Estado é instrumento dos dominantes (Chauí, 1994, pp. 78 e 79).

Na medida em que as idéias são separadas da práxis social pela ação dos ideólogos burgueses, elas se tornam idéias universais denominadas por Chauí de "universais abstratos".

A operação intelectual por excelência da ideologia é a criação de universais abstratos, isto é, a transformação das idéias particulares da classe dominante em idéias universais de todos e para todos os membros da sociedade. Essa universalidade das idéias é abstrata porque não corresponde a nada real e concreto, visto que no real existem concretamente classes sociais particulares e não a universalidade humana. As idéias da ideologia são, portanto, universais abstratos (Idem, p. 95).

Estes universais abstratos são conceitos metafísicos presentes no senso comum. São idéias que abstraem toda a realidade histórico-social e ficam no plano discursivo e genérico. São exemplo de universais abstratos a idéia de família, a idéia de trabalho, a idéia de lei, etc. A ideologia burguesa oculta que a família é uma instituição histórica e fala "a família" como se esta fosse uma instituição natural e divina que nunca muda. "A família é representada como sendo sempre a mesma (no tempo e para todas as classes) e, portanto, como uma realidade natural (biológica), sagrada (desejada e abençoada por Deus), eterna (sempre existiu e sempre existirá), moral (a vida boa, pura, normal, respeitada) e pedagógica (nela

se aprendem as regras da verdadeira convivência entre os homens, com o amor dos pais pelos filhos...) (Ibidem, p. 88). De modo que na sociedade capitalista não existe "a" família, mas as diferentes famílias: família burguesa, pequeno-burguesa e proletária. Mas, por força da ideologia, prevalece a idéia de família burguesa.

O Estado é apresentado como uma instituição que representa o interesse comunitário, quando na realidade histórica o Estado é uma instituição burguesa que tem por finalidade a defesa da propriedade privada. "Através do Direito, o Estado aparece como legal, ou seja, como 'Estado de Direito'. O papel do Direito ou das leis é o de fazer com que a dominação não seja tida como violência, mas como legal, e por ser legal e não violenta deve ser aceita. A lei é o direito para o dominante e o dever para o dominado" (Ibidem, p. 90). Apresentando a idéia de Estado e a idéia de Direito, a ideologia burguesa oculta e legitima a dominação de classe e, ao mesmo tempo, impede que o dominado se revolte e, assim, aceite a dominação como algo natural.

Chauí ressalta que "o papel específico da ideologia como instrumento da luta de classes é impedir que a dominação e a exploração sejam percebidos em sua realidade concreta" (Ibidem, p. 103). Com isto transforma as idéias particulares da classe dominante em idéias universais.

Chauí, assim sistematiza o que é a ideologia:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classe, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento de identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado (Ibidem, pp. 113 e 114).

Diante da força da ideologia enquanto idéias da classe dominante fica a indagação: como fazer a crítica e a superação da ideologia?

José Luiz Zanella
A crítica da ideologia

Como nos ensina Chauí, a ideologia é quase impossível de ser removida. Para que a ideologia deixasse de existir seria necessário que na sociedade ocorresse a superação da divisão do trabalho, principalmente da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Enquanto persistir esta divisão, permanecerá aqueles que pensam e aqueles que fazem, possibilitando assim a separação entre as idéias e a práxis social. E, mesmo na práxis social, os homens tendem, por um processo de alienação, representar de modo invertido a realidade. É o que nos dizem Marx e Engels: “Se em toda ideologia os homens e as suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa Câmara obscura, é porque este fenômeno deriva do seu processo histórico de vida, da mesma maneira que a inversão dos objetos na retina deriva do seu processo diretamente físico de vida” (1984, p. 22). Há uma tendência “natural” dos homens em representarem o real não como uma produção histórica deles mesmos, mas como uma força externa. É essa tendência a alienação que materializa-se em ideologia e que é difícil de ser superada.

Assim, a ideologia é uma das formas da práxis social e não apenas um reflexo do real na cabeça dos homens. “A ideologia não é um ‘reflexo’ do real na cabeça dos homens, mas o modo ilusório (isto é, abstrato e invertido) pelo qual representam o aparecer social como se tal parecer fosse a realidade social” (Chauí, 1994, p. 106). Não se trata, portanto, de algo “ruim” que mecanicamente se construiu, mas da própria relação dialética dos homens com o mundo, em que estes, pela sua atividade, representam de modo ilusório e falso esta mesma realidade.

Contudo, a ideologia é sempre um discurso “lacunar”, cheio de “brancos” e “vazios”. Segundo Chauí (1984), a coerência racional da ideologia está justamente nessas lacunas. A ideologia “não diz tudo e não pode dizer tudo” porque se quebraria por dentro. É por esta razão que a ideologia não tem história, pois, se explicitasse como é produzida a vida em sociedade, deixaria de ser ideologia. Por isso, a ideologia sempre permanece no plano imediato do aparecer social, ou seja, toma a realidade como dada sem investigar como foi produzida.

Portanto, não é a simples crítica a ideologia, no sentido de mudança das consciências, que vai mudar a práxis social. A ideologia é um fenômeno objetivo e não subjetivo. A força motriz da história, afirmam Marx e Engels (1984) não é a crítica, mas a revolução. Mas, qual seria o papel da crítica revolucionária ou da teoria? O papel da teoria (Chauí, 1994) não é conscientizar, mas de ser a consciência verdadeira em oposição a consciência falsa. Não se trata da teoria, ao contrário da ideologia, tomar o lugar ou de ser guia da prática. Ao contrário, “a teoria está encarregada de des-

vendar os processos reais e históricos enquanto resultados e enquanto condições da prática humana em situações determinadas, prática que dá origem à existência e à conservação da dominação de uns poucos sobre todos os outros” (Chauí, 1994, pp. 80 e 81).

Em seguida, a autora ressalta que a relação teoria e prática é revolucionária porque é uma relação dialética. E, por ser dialética, não é ideológica. A dialética é o movimento das contradições presentes na práxis social. A teoria tem o papel de reproduzir no pensamento o movimento contraditório do real, mediante uma análise de investigação ativa do sujeito. Conclui Chauí: “A relação entre teoria e prática é uma relação simultânea e recíproca por meio da qual a teoria nega a prática imediata, isto é, nega a prática como um fato dado para revelá-la em suas mediações e como práxis social, ou seja, como atividade socialmente produzida e produtora da existência social” (Idem, p. 81). Dessa forma, a teoria faz a crítica da ideologia sem se tornar ideológica.

Considerações finais

Afirmar que a ideologia é uma “falsa consciência” é um reducionismo diante da complexidade que tal conceito encerra. Como vimos, a compreensão da ideologia pressupõe conhecimentos sobre metafísica, idealismo, materialismo dialético, além de uma razoável análise crítica da organização do trabalho na sociedade e do homem como ser histórico. Enfim, a compreensão do fenômeno da ideologia requer a explicitação de uma visão de mundo, ou seja, do que é a realidade?

Pois, os homens além de produzirem sua existência produzem idéias. Estas idéias são uma representação fenomênica, imediata, de aparência de seu ser social. E o ser social é o mundo da “pseudoconcreticidade”. “O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos”. (Kosik, 1995, p. 15). Sendo o real constituído de uma aparência e de uma essência (lei do devir), vê-se assim, que a ideologia é uma das formas do aparecer social.

Entendemos que a filosofia marxista é a teoria mais adequada para desvendar o fenômeno da ideologia. É a mais adequada porque parte do pressuposto que a ação – práxis social – é anterior ao pensamento – consciência. E como toda ideologia tem uma base material, o método do materialismo histórico dialético é um método de investigação que, mediante análise e síntese, desvenda o funcionamento da ideologia.

Portanto, o combate à ideologia é um combate que tem de fundamen-

tar-se no aprofundamento teórico-metodológico da filosofia marxista. Pois, a ideologia é um fenômeno complexo que, a exemplo de um iceberg, não se manifesta como realmente é. Como expressão da práxis social em que as idéias dominantes são as idéias da classe dominante, podemos afirmar que a ideologia é um poderoso instrumento de dominação. As idéias, embora sejam produtos da práxis social, dominam os homens. Desmistificar esse poder das idéias ideológicas é fundamental para ações que possibilitem a superação da sociedade capitalista.

Sobre a força do domínio das idéias, destacamos aqui a construção de Gramsci à ideologia. Gramsci toma a ideologia como sendo o “significado mais alto de uma concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individuais e coletivas” (Gramsci, 1999, pp. 98 e 99). Enfatiza que as ideologias possuem uma força material, pois: “elas ‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.” (Idem, p. 237).

Entendemos que a concepção de ideologia de Gramsci como visão de mundo não nega a concepção de ideologia de Marx e Engels. Apenas amplia. Não nega porque Gramsci parte do pressuposto do materialismo dialético e faz a crítica a visão de mundo do senso comum, mostrando que essa mesma visão de mundo precisa ser levada, através do bom senso, a um “tipo superior” de visão de mundo que é a visão de mundo coerente com a classe social e com os conhecimentos científicos e filosóficos mais avançados da humanidade.

Abstract

The article shows a systematized interpretation of Marx and Engels's work called German Ideology. It shows the thoughts have a materiality and are produced by the social praxis. It brings up the criticism of Marx about the metaphysics to explain the relationship between metaphysics and ideology. It also tries to find elements that make possible the criticism over ideology. The article ends by emphasizing the necessity of a theoretical-methodological improvement based on Marxist philosophy in order to face ideology in the fight against the capitalist society.

Key-Words: Ideology, social praxis, historical materialism.

Referências Bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 38ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2a ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1995.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1987a.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cartas filosóficas & O manifesto comunista de 1848*. São Paulo, SP: Editora Moraes, 1987b.
- MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. In: Fromm, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. 1 e 2.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. Classes Sociais e Estratificação Social. In: FORACCHI, Marialice Mencarini e MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

Notas

1 Professor de Filosofia da Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, Francisco Beltrão-Pr. E-mail: zeluiz@wln.com.br.

2 Este artigo nasceu de nossa necessidade de sistematização da leitura que realizamos da obra *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels em estudos e reflexões realizadas no Grupo de Pesquisa “Estudos de Marx” no último semestre de 2003.

3 “(...) Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante da história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx, nem eu dissemos outra coisa a não ser isto. Portanto, se alguém distorce esta afirmação para dizer que o elemento econômico é o único determinante, transforma-a numa frase sem sentido, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas os diversos elementos da superestrutura (...) exercem igualmente ação sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam de maneira preponderante sua forma.” (Engels, in: Marx e Engels, 1987b, p. 39, grifos do autor).

4 Segundo Marx e Engels (1984), as formas de propriedade foram: tribal, estatal ou comunal, feudal ou estamental e capitalista. Chauí (1994) ressalta que a divisão do trabalho não é apenas divisão de tarefas, mas a manifestação das diferentes formas de propriedade privada.

5 Consideramos a obra *O que é ideologia* de Marilena Chauí (1994) uma excelente interpretação da obra *A ideologia Alemã* de Marx e Engels. Por assim

entender, utilizamos a obra de Chauí como uma complementação de nossos estudos e como referência básica desse texto.

6 “As classes sociais são grupos de homens que se diferenciam pelo lugar que ocupam num sistema historicamente determinado de produção social, por suas relações com os meios de produção (...), pelo papel que desempenham na organização do trabalho, e, conseqüentemente, pelo modo como obtêm a parte da riqueza social de que dispõem e pelo tamanho desta. As classes são grupos de homens, dos quais uns podem apropriar-se do trabalho de outros por ocupar posições diferentes num regime determinado de economia social” (Lenin, apud Stavenhagen, 1977, p. 228).

Data de recebimento: 05/03/2004

Data de aprovação: 31/03/2004